

Exercício para Avaliação
Edição conservadora do manuscrito quinhentista
“Processo de Guimar Piçarra” (Fólios 1 a 13, reto e verso)

Retorno
(Parte I – Comentários gerais)

1. Símbolos usados na anotação de correção

Indicação de erros (Rosa) - desconto de 0.01 ponto:

<p>(a) templo</p> <p>(b) Sancto</p> <p>(c) mjã</p>	<p><i>Iluminado:</i></p> <p>(a) Erro de leitura (ex.: tempo > *<i>templo</i>: o que transcreveu não é o que está no documento)</p> <p>(b) Erro por interferência indevida (ex.: s^{to} > <i>sancto</i>: acrescentou caracteres sem indicar quais)</p> <p>(c) Erro por falta de interferência: (ex. mjã: não desenvolveu abreviatura).</p>
<p>fr[ancis]co↓do</p>	<p><i>Seta:</i></p> <p>Erro por omissão (ex.: fr^{co} notr^o do > *<i>fr[ancis]co do</i>; omitiu palavras inteiras)</p>

Indicações para revisão (azul): sem descontos de ponto nesta versão

<p>Not[á]r[i]o</p>	<p><i>Retângulo azul:</i> Má decisão de representação editorial</p> <p>(ex.: Not[á]r[i]o; uso de grafia estranha ao conjunto do documento no desenvolvimento de abreviaturas)</p>
--------------------	---

2. Problemas comuns no documento como um todo

2.1 Opções inadequadas de representação – casos mais frequentes

Recomendações de revisão

<i>Numeração de fólios</i>	<p>Nos rostos dos fólios, no canto superior direito, há um número de fólio, que precisa ser representado. Esta numeração está feita com outra pena, e outro punho; é importante também indicar isso de alguma forma (seja em nota, seja com algum código). Além disso, é importante adicionar sua própria numeração; para numerar os fólios, indicar frente e verso (o mais usual é dizer <i>reto</i> e verso). A numeração adicionada e a original devem estar claramente separadas! Lembrar ainda que o termo ‘fólio’ corresponde a folha, não a página! Portanto:</p> <p>Fólio 1 reto / Fl 1r Fólio 1 verso / Fl 1v, etc.</p>
<i>Quebra de linhas</i>	<p>As quebras de linha devem ser indicadas com uma barra, /. Podem, ou não, ser reproduzidas na transcrição (‘edição justalinear’).</p>
<i>Numeração de linhas</i>	<p>As linhas precisam ser contadas, de 5 em 5 (em edição justalinear ou não). A numeração pode ser contínua ao longo do documento, ou recomeçar a cada fólio (mais recomendável).</p>
<i>Reclames</i>	<p>Ao final de cada página do documento, consta o ‘reclame’ (primeiro termo da página seguinte). Ele precisa ser reproduzido; nesta reprodução, você precisa, de algum modo (código ou nota), indicar que este termo não faz parte do texto corrido - é um reclame.</p>
<i>Assinaturas</i>	<p>No documento, há assinaturas em diversos fólios (do secretário, do visitador; e ao final, dos membros da mesa). Todas as assinaturas precisam ser indicadas como assinaturas! Além disso, como em trechos normais, eventuais abreviaturas no interior das assinaturas (nos próprios nomes, e nos títulos - ‘Frei’, etc.) devem ser desenvolvidas.</p>
<i>Abreviaturas: mal indicado (1)</i>	<p>Ao representar o desenvolvimento das abreviaturas nos casos em que o sinal abreviativo é um til, não é necessário repetir o til na palavra desenvolvida!</p> <p>sõr > s[enh]or (e não: *s[enh]õr) q̃ > q[ue] (e não: *q̃[ue])</p>
<i>Abreviaturas: mal indicado (2)</i>	<p>Muitas abreviaturas neste documento são feitas com letras sobrescritas. O ideal é deixar esta característica clara na transcrição, usando um recurso diferente do que é usado para indicar caracteres acrescentados – por exemplo, outro tipo de chaves, ou sublinhados.</p> <p>offj^o > offj[cj]o , offj[cj]<o></p>

<p><i>Abreviaturas: Grafia dos desenvolvimentos</i></p> <p>notr^o s^{to}</p>	<p>Este documento não contém acentuação de sílabas tônicas com acento agudo. Por isso, é melhor optar por uma grafia sem acento, quando expandir:</p> <p>notr^o > not[a]r[í]o , not[a]r[í]<o> (e não not[á]r[í]o)</p> <p>No caso de abreviaturas de palavras que, quando escritas por extenso, variam de grafia, a opção poderia ser pela grafia que achassem mais provável. É o caso de s^{to}, em vários pontos; quando ele escreve por extenso, escreve ‘sancto’ e ‘santo’:</p> <p>s^{to} > s[anc]t_o ou s[an]t_o</p>
<p><i>Alografias: inconsistência na normalização</i></p>	<p>Neste documento há diversas alografias – i.e., <i>uso de glifos (formatos de letras) variantes para um mesmo grafema</i> – por exemplo, <i>~<j>, <s>~<f>. Conforme a norma de edição que cada grupo estabeleceu, as alografias poderiam ter sido representadas de modo conservador, ou poderiam ter sido normalizadas. Entretanto, a opção (normalizar ou manter) deveria ter sido <i>consistente</i> ao longo da transcrição! Não se pode normalizar em alguns casos, e manter em outros.</p>
<p><i>Alografias: má opção de representação</i></p> <p><s> ou <S>? <l> ou <L>? etc</p>	<p>Para quem optou por manter as alografias, há também o problema de como representá-las, já que (fora os casos de <i> ~<j>, <u>~<v>), alguns glifos antigos não fazem parte do inventário imediato dos computadores. Entretanto, é possível encontrar glifos bem semelhantes para a maioria dos casos, como alguns encontraram. E, em pelo menos um caso, é possível transcrever o exato caractere em desuso: ‘s longo’, <f>.</p> <p>A única opção realmente inapropriada é usar caracteres maiúsculos para representar o alógrafo de <s> e o de <l>, recurso usado por diversos trabalhos. A opção do <S> redondo maiúsculo ou do <L> maiúsculo não é uma boa ideia, porque na época pode haver <S> redondo maiúsculo e <L> maiúsculo; portanto, a distinção se torna difícil. Para representar a alografia de <s>, simplesmente usem o <f>; para a de <l>, escolham um caractere próximo (como <ℓ>, U+2113).</p>

2.2 Problemas de decifração e representação mais frequentes

2.2.1 Problemas gerais: casos complexos (descontados ou não, a depender da profundidade do erro)

<p>Interferência indevida: grafias em geral</p> <p>(erro descontado, se não indicada a alteração; recomendação de revisão, se indicada)</p>	<p>Em uma transcrição semi-diplomática, devemos ter cuidado em preservar as grafias do original de um modo geral. Em alguns casos, as transcrições interferiram nas grafias indicando esta interferência com algum sinal; nestes casos, não descontei ponto – mas é preciso revisar, mantendo, simplesmente, as grafias originais. Quando houve interferência sem ao menos indicar, descontei pontos.</p> <p>auera > auera ; [h]auera (mas não *haverá) genelosia > genelosia ; gene[a]losia ; gene[a]lo[g]ia (mas não *genealogia)</p> <p>etc.</p>
<p>Interferência indevida: representação da nasalidade</p> <p>huã, alguã, algûs, naõ, cõ, nê, homê...</p> <p>(erro descontado, se não indicada a alteração; recomendação de revisão, se indicada)</p>	<p>Muitos corrigiram todas as indicações de nasalidade do documento. Conforme conversamos em sala, não devemos alterar isso, numa transcrição semi-diplomática. Tampouco devemos corrigir o uso específico do til em si quanto a sua posição - nos casos de ditongos em que ele usa o til sobre o <o>, e não sobre o <a>, manter: 'naõ'. Há diversos casos ao longo do documento; na correção, retirei pontos quando a grafia foi alterada e isso não foi indicado, e recomendei revisão, sem tirar pontos, quando foi alterada e indicada. Mas o correto, ao revisar, é manter como está no manuscrito! (cf. documento sobre este ponto específico no Moodle)</p> <p><i>Alguns exemplos:</i></p> <p>huã, alguã > huã, alguã ; hu[ma], algu[ma] (mas não *huma, *alguma) algûs > algûs ; alg[un]s (mas não *alguns) cõ > cõ ; c[om] (mas não *com) nê, homê > nê, homê ; n[em], hom[em] (mas não *nem, homem) naõ > naõ (mas não *naõ)</p> <p>etc.</p>

<p><a> ou <o> ?</p> <p>(erro descontado, se não indicada a dificuldade;</p> <p>ou</p> <p>recomendação de revisão, se indicada)</p>	<p>A distinção <a>/<o> é um dos pontos de decifração mais difíceis deste documento! Por isso, há um arquivo apenas sobre isso no Moodle. No geral, não descontei ponto quando esta dificuldade foi indicada na transcrição, apenas quando houve decifração equivocada <i>sem indicar</i> a dificuldade de leitura. Em particular, listo aqui alguns exemplos terríveis, nos quais a opção por <a> ou por <o> causa leituras inteiramente diferentes do teor do texto; em todos eles, o ideal teria sido indicar a dificuldade de leitura com chaves:</p> <p>n[a]s cas[a]s da morada / n[o]s cas[o]s da morada (2r e outros) *nos casos da morada</p> <p>tatu que é caça do mato de carne cozid[o] / tatu que é caça do mato de carne cozid[a] (3r) *tatu que é caça do mato de carne cozida</p> <p>que tod[a]s estão sabid[a]s nesta mesa / que tod[o]s estão sabid[o]s nesta mesa (8r) *que todos estão sabidos nesta mesa</p> <p>quant[a]s vezes / quant[o]s vezes (8r) *quantos vezes</p> <p>que tem confessad[a] a verdade / que tem confessad[o] a verdade (11r) *que tem confessado a verdade</p> <p>(etc... inúmeros casos...)</p>
--	---

Segmentação

(erro descontado, se afetar o sentido da frase e não indicada a dificuldade;

ou
recomendação de revisão, se indicada)

Uma grande dificuldade na leitura deste documento, como em outros manuscritos desta época, é a segmentação das palavras. Há aqui dois níveis de problema: o nível da *decifração* (i.e., a própria compreensão de quais palavras estão envolvidas em alguns trechos mais difíceis) e o nível da *representação* (i.e., que decisão tomar frente à possibilidade de representar fielmente a segmentação do manuscrito ou normalizá-la). Como é próprio da escrita da época, mas muito particularmente neste documento, o mais difícil é mesmo a decifração das palavras envolvidas. Por isso, no caso deste manuscrito, minha recomendação seria uma transcrição que *normalizasse* a segmentação entre palavras. Na correção, tive o seguinte critério: quando interpretei que a transcrição procurou ser conservadora quanto à segmentação original do manuscrito, sem maior prejuízo à decifração, indiquei a re-segmentação possível, mas não descontei pontos. Quando interpretei que a transcrição simplesmente errou a decifração, em pontos nos quais a segmentação era duvidosa, gerando um texto substantivamente diferente do que está no manuscrito, descontei pontos. Estes últimos casos normalmente envolveram trechos nos quais a segmentação se une a dificuldades de leituras de certos caracteres.

Segmentação que prejudica a interpretação do teor do texto, mas sem erro de decifração de caracteres:

perguntada por sua genelosia > *pergunta da por sua genelosia (4r e outros)

alembra > *a lembra (4r)

moquem (=moquém) > *mo quem (5r)

velhacaria > *velha caria (5v)

comella (=comê-la) > *com ella (5v)

merendar > *me rendar (5r)

merenda > *me renda

prometeo (=prometeu) dizer > *promete o dizer (6r e outros)

acha mais > *a chamais (8r)

acabe > *a cabe (11r)

recebeo (=recebeu) juramento > *recebe o juramento (11r e outros)

Segmentação que prejudica a interpretação do teor do texto, aliada a erro de decifração de caracteres (descontados):

dous ou tres dias > *dous outros dias (6v)

que veo menina de Portugal (=que veio menina de Portugal) > * que ve a menina de Portugal (12v)

e não conheceo avoos (=e não conheceu avós) > * e não conhece o[s] avoos (12v)

huã irmã de seu pai Liannor piscarra casada emmoura

(= uma irmã de seu pai Lianor Pisçarra casada é moura)

> *uma irmã de seu pai Lianor Pisçarra casada em moura (12v)

<p>Segmentação (2)</p>	<p>Outro problema envolvendo a segmentação foram os casos de quem ressegmentou separando palavras escritas juntas no manuscrito, mas nesta separação, terminou alterando a grafia. Quando essa alteração foi feita sem nenhuma indicação, descontei ponto; quando idicada, marquei para revisão. Exemplos:</p> <p>encasade > encasade ; en casa de ; e[m] casa de (mas: *em casa de) (3r) fenter > fenter ; fen ter ; fe[m] ter (mas: *fem ter) (3v) entudo > entudo ; en tudo ; e[m] tudo (mas: *em tudo) (8v)</p>
-------------------------------	---

2.2.1 Problemas gerais: erros descontados

<p><i>Abreviaturas: mal indicado (3)</i></p>	<p>Ao representar o desenvolvimento das abreviaturas, cuidar para colocar entre chaves os caracteres adicionados, e fora das chaves os que constam do documento. Precisa ficar claro o que você acrescentou, e o que já estava lá!</p> <p>sõr > s[enh]or (e não: *[senhor], *s[enho]r ...) st^o > s[anc]t^o (e não * [sancto], s[ancto]...) offj^o > offj[cj]o (e não: *[offcjo] , *offj[cjo] ...)</p>
<p><i>Dificuldade na decifração de <f></i> <f> x <f>, <t>...</p>	<p>Como dito acima, neste documento, há uma alografia do caracter <s>: <s> e < f >, que poderia ter sido mantida, ou normalizada. Entretanto, normalizando ou não, é fácil confundir os <f> longos, minúsculos, com outros caracteres (principalmente <f> e <t>), ou mesmo com <S> maiúsculos... É preciso rever este aspecto cuidadosamente, porque a boa decifração dos <f> é fundamental para a boa leitura do documento. Nos casos em que houve leituras erradas pelo não reconhecimento do <f> (por exemplo, <f> lido como <f>, ou <t>), foi descontado um ponto.</p>

(seguem agora alguns erros e problemas mais pontuais)

3. Alguns problemas pontuais (trazidos na ordem dos fólhos)

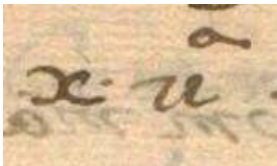
Fólio 1r


<i>Omissão integral do fólho</i>	O erro mais comum neste primeiro fólho foi sua inteira omissão das transcrições. Entretanto, trata-se da capa do processo, e possui conteúdo importante que precisa ser transcrito!
gujmar > guj[o]mar, gui[o]mar *gujomar, *guiomar	Muitos corrigiram o nome da principal processada de gujmar para <i>guiomar</i> , ao longo do documento – creio que porque aparece como guiomar neste fólho, na linha 1. Notem, entretanto, que este guiomar está escrito por um outro punho (não o do Manuel Francisco). Portanto, o correto era não corrigir os gujmar . Descontei pontos, apenas, onde a correção não foi sequer indicada.

Fólio 1v

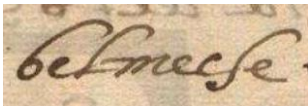
<i>Omissão integral</i>	No caso do verso fl. 1, que está em branco, é preciso que se indique que neste ponto há um verso de fólho em branco.
-------------------------	--

Fólio 2r

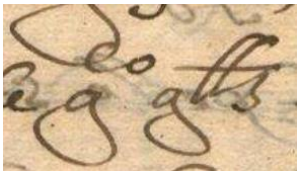
	<p>A abreviatura .x.u^a precisava ser desenvolvida; mas aqui temos um problema técnico. Minha primeira leitura foi a de ser um numeral (<i>xv^a</i>, ‘<i>décima quinta</i>’); depois, ampliando a imagem e vendo os pontos (.x.), concordei com alguns de vocês que pode ser o .x. que abrevia ‘<i>Cristo</i>’, ‘<i>cristão</i>’, etc.; de fato, xv e xn são abreviaturas comuns nesse tipo de documento e nesta época para ‘<i>cristão novo</i>’ e ‘<i>cristão velho</i>’. Neste caso, a abreviatura inteira se desenvolveria como ‘<i>cristã velha</i>’, o que faria todo sentido no contexto (cabecalho da confissão). Ainda não estou inteiramente segura ☹ - o que me incomoda é o .x. sem uma flexão de feminino - se fosse x^au^a, eu teria mais certeza. Mas é o mais provável. Entretanto, considerando a dificuldade da decisão, não descontei pontos por nenhuma das seguintes decifrações:</p> <p>.x.u^a > [<i>cristã</i>] u[<i>elh</i>]<u>a</u> (mais provável) .x.u^a > [<i>décima quint</i>]<u>a</u> (menos provável; mas como eu errei, seria injusto descontar pontos)</p>
officjejo	<p>Em officjejo, há claramente um lapso do punho. Em casos como este o ideal é indicar este lapso de alguma forma, visto que a palavra aparece normalmente como <i>officjo</i> em outros pontos do manuscrito:</p> <p>officjejo > officj<ej>o ; officj[ej]o ; officjejo [<i>sic</i>] ; officjejo¹</p> <p>(e em nota): ¹ sic</p>

	<p>Esta forma se repete em diversos pontos ao longo do documento. Trata-se de et, um pouco estilizado – ou seja, a conjunção latina <i>et</i>, usada para o ‘e’ português. Aqui, haveria a opção de manter o ‘<i>et</i>’ ou normalizar para ‘e’; mas neste último caso, deveria haver alguma indicação (com nota na primeira ocorrência, e alguma convenção que se repetisse nas demais, sem necessidade de repetir a nota: chaves, formato itálico, etc., desde consistentemente.</p>
---	---

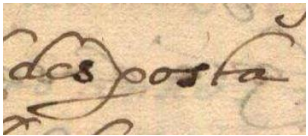
Fólio 2v

	<p>Este é um ponto de difícil decifração, e certa complexidade na decisão de interferência. Dá para ter a dúvida entre: belmeefe ou belmeefe. Mas nenhuma das duas (‘<i>belmeese</i>’ ou ‘<i>belmeese</i>’) são palavras conhecidas... Há algumas conjecturas possíveis: pode ser a palavra ‘<i>belenense</i>’ (i.e., natural de Belém), que na grafia esperada dele poderia ser ‘<i>belêese</i>’ (e nesse caso, com um lapso pouco característico deste escriba – a troca de um <êe> por um <mee>; estranho); pode ser a palavra ‘<i>belmense</i>’, que na grafia esperada dele poderia ser ‘<i>belmêese</i>’ (nesse caso, com um lapso um pouco menos estranho), que é um topônimo em Portugal... mas não tenho certeza! Como tratar de casos assim? A única coisa honesta a fazer é mostrar a dificuldade para o leitor. Assim, a transcrição ideal é aquela que de alguma forma mostrou o problema no carácter que pode ser <e> ou <c>:</p> <p style="text-align: center;">belme[c]fe ; belme[e]fe ; belme[*]fe ou belme<c>fe ; belme<e>fe ; belme<*>fe etc.</p>
---	--

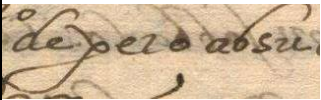
Fólio 3r

	<p>Abreviatura de nome próprio (‘<i>Gonçalo Gonçalves</i>’): g^{co} gllz. Este era um ponto difícil – porém, uma breve pesquisa no difonário de abreviaturas que recomendei mostraria a elucidação das duas partes do nome! Esta forma se repete em outros pontos do documento. Atentem para o modo correto de indicar o desenvolvimento:</p> <p style="text-align: center;">g[on]c[al]o g[onca]ll[ve]z</p>
--	--

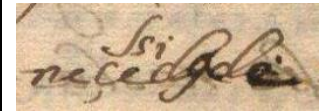
Fólio 3v

	<p>Novamente um caso de possível lapso do escriba – pois se lê, claramente, dcsposta, o que não faz muito sentido. Pode ser uma falha da pena, ou corrosão, de um <e> – mas sem ver o original em papel, difícil saber. Como representar isso? Novamente, deixando claro o problema, e talvez oferecendo sua conjectura (claramente):</p> <p style="text-align: center;">d[e]sposta¹ ; d[c]sposta ; d[*]sposta ; d<e>sposta¹ ; d<c>sposta ; d<*>sposta</p> <p>(e em nota): ¹ No original, ‘<i>dcsposta</i>’.</p>
---	--

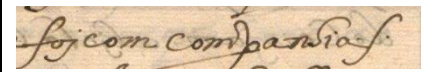
Fólio 6r

	<p>Este caso gerou algumas dúvidas. O que eu leio literalmente é: pero absu. Na realidade a dificuldade não era decifrar imediatamente, mas sim interpretar - o que pode ser 'pero absu'?! Isso fez surgirem hipóteses variadas apresentadas em nota, e para alguns levou a dificuldades de leitura. Se fizerem uma pequena abstração, verão que é possível ser a palavra 'Peroaçu' – que é um topônimo (e faz sentido: '... vigário de Peroaçu'); se pesquisarem, verão que havia um <i>Peroaçu</i> na Bahia na época. Pois bem; a opção ideal aqui era transcrever literalmente pero absu, ou normalizar para peroabsu, e colocar, em nota, uma observação sobre esta conjectura.</p>
<p>pero absu ; peroabsu</p>	

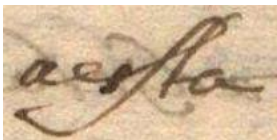
Fólio 6v

	<p>Outro caso bem complexo – desta vez, porque na mesma palavra há dois borrões de tinta e duas correções do escriba! Entretanto, lê-se bem a palavra 'necessidade'. O modo ideal de indicar os problemas envolvidos é como segue; não tirei ponto de quem tentou indicar de alguma forma, mas era preciso tentar indicar, e não simplesmente colocar a palavra sem nenhum comentário:</p> <p style="text-align: center;"> neçe<[si]>d[a]d[e] ; neçe[si]d[a]d[e] ; neçe<<[si]>>d<a>d<e> ; ou mesmo: neçe<[si]>d[*]d[e] ; neçe[si]d[*]d[e] ; neçe<<[si]>>d<*>d<e> ; (mas não: *neçe[si]d[e]) </p>
<p>miã (e miã, fl. 13r)</p>	<p>Atenção à maneira correta de expandir esta abreviatura – de acordo com a palavra tal como aparece por extenso antes, no fólio 5v (o mesmo vale para miã, fl 13v mais adiante):</p> <p style="text-align: center;"> m[<i>jsirjcord</i>]ia, ou mesmo m[<i>js</i>]i[<i>rjcordi</i>]a (mas não: *m[<i>isericórd</i>]ia) </p>

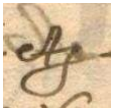
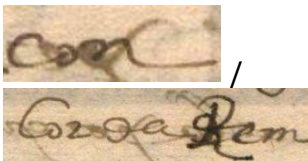
Fólio 7r

	<p>Poucos notaram, mas ao final deste trecho (linha 6) há uma abreviatura, .f., e equivale a <i>scilicet</i> (em latim, 'a saber'). Notem como faz sentido no contexto: "... as ditas vezes que comeu carne sempre foi com companhia, 'a saber', algumas vezes com Ana Alveloa...". Assim, o correto seria desenvolver:</p>
<p>[<i>cilicet</i>]</p>	

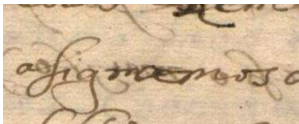
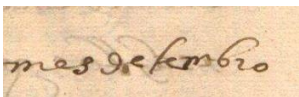
Fólio 7v

	<p>Aqui temos, na minha interpretação, mais um lapso do punho: leio aesfta, ou seja, ‘a <i>essta</i>’ (com dos esses no <i>esta</i>). Conjecturo que ele começou a desenhar o <s>, mudou para o <f>, e deixou a rasura.... O modo certo de representar isso seria assinalar o primeiro <s> como um lapso:</p> <p>ae[s]fta ; a e[s]fta ; a e[s]sta</p>
---	--


Fólio 9r

	<p>Trata-se novamente de uma abreviatura, que se encontra no dicionário recomendado! Desenvolver...</p>
	<p>Em ‘concordarem’, entre as linhas 14 e 15, temos uma rasura no <r>, que parece ter sido refeito, e em maiúscula. Algumas formas de indicar isso seriam:</p> <p>con / co<R>darem ; con / co[R]darem ; con / co[r]darem ; con / co<r>darem (aqui, talvez explicando em nota a refacção da maiúscula)</p>

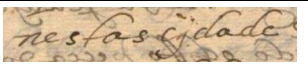
Fólio 9v

	<p>Lapso do punho... Lê-se asigmaemos, em trecho no qual, claramente, deveria estar <i>asignamos</i> (‘assinamos’). Formas de representar:</p> <p>afig[m]a[e]mos ; afig<m>a<e>mos ; afigmaemos [sic]; afigmaemos¹</p> <p>(e em nota): ¹ sic.</p>
	<p>... no mês de tembro: novo lapso do escriba. Aqui, seriam possíveis dois caminhos: um, simplesmente indicar que houve um lapso por omissão do escriba; o outro, indicar isso e além disso fazer a conjectura de qual deveria ser a palavra (eu conjecturo que ‘setembro’). Mas isto precisa ser muito claramente indicado ao leitor:</p> <p>[]tembro ; tembro [sic] ; tembro¹ ; [se]tembro²</p> <p>(e em nota): ¹ sic. ² No original, ‘tembro’.</p>

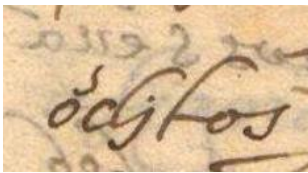
Fólio 10v

	<p>Aqui temos um lapso e correção do escriba. É difícil a decifração; eu leio maem, com um <a> escrito por cima de parte do <m> e parte do <e>; mas pelo contexto, conjecturo ser uma reescritura para 'nem' ('<i>não declarou isto nesta mesa nem lhe lembrou...</i>'). O modo certo de representar isso seria, no mínimo, assinalar o conjunto <mae> como um lapso; idealmente, indicar a conjectura de 'nem':</p> <p>m[ae]m ; m<ae>m ; <u>maem</u> ; [ne]m¹; <ne>m¹ ; <u>nem</u>¹ (melhor opção)</p> <p>(e em nota): ¹No original: 'maem', com o <a> escrito por cima de parte do <m> e parte do <e></p>
---	--

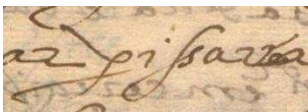
Fólio 11r

	<p>Aqui, lê-se claramente nestas cjidade, 'nestas cidade'; interpreto como um lapso, visto que este tipo de erro de concordância por excesso não é usual (trata-se de uma cidade só). A leitura é clara, portanto a questão é apenas como representar o lapso; por exemplo:</p> <p>nesta[s] cidade; nestas [sic] cidade ; nestas¹ cidade</p> <p>(e em nota): ¹ sic.</p>
---	--

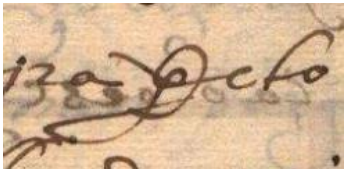
Fólio 11v

	<p>Lapso do escriba, que acrescenta um <s> na entrelinha, para corrigir-se. Formas corretas de indicar:</p> <p>o[s]¹ ditos ; o<s>¹ ditos ; os¹ ditos</p> <p>(e em nota): ¹Caractere na entrelinha, [s]</p>
---	--

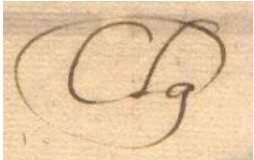
Fólio 12r

	<p>Aqui, interpreto a palavra 'pissarra' (sobrenome da ré), mas com um lapso que é de difícil leitura: pifsarrea ou mesmo pifsauca ? Formas corretas de indicar:</p> <p>pífsa[rr][e]a ; pífsa<rr><e>a (mais provável) pífsa[u][e]a ; pífsa<u><e>a</p>
---	---

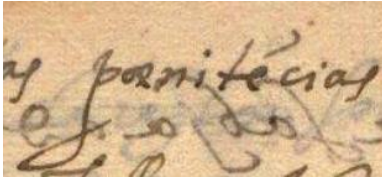
Fólio 12v

	<p>Aqui, leio um <math>\langle d \rangle</math> escrito em cima de um <math>\langle p \rangle</math> (ou vice-versa). Uma conjectura é ele ter começado a escrever o <math>\langle p \rangle</math>, e mudado para <math>\langle d \rangle</math>, num lapso devido a um erro de regência ('<i>confissão... por todas / confissão... de todas</i>'). Formas corretas de indicar:</p> <p>[d] e¹ to/das ; <math>\langle d \rangle</math> e¹ to / das</p> <p>(e em nota): ¹No original, lê-se um <math>\langle p \rangle</math> por baixo do <math>\langle d \rangle</math>.</p>
<p>... que veio menina de Portugal e / e não conheceu...</p>	<p>No final da linha 12, há um 'e' (conjunção), e no início da linha 13, também. É um lapso por repetição, e deve ser indicado; por exemplo:</p> <p>... e / [e]¹ ; ... e / e¹ ; ... e / e [sic]</p> <p>(e em nota): ¹ sic.</p>

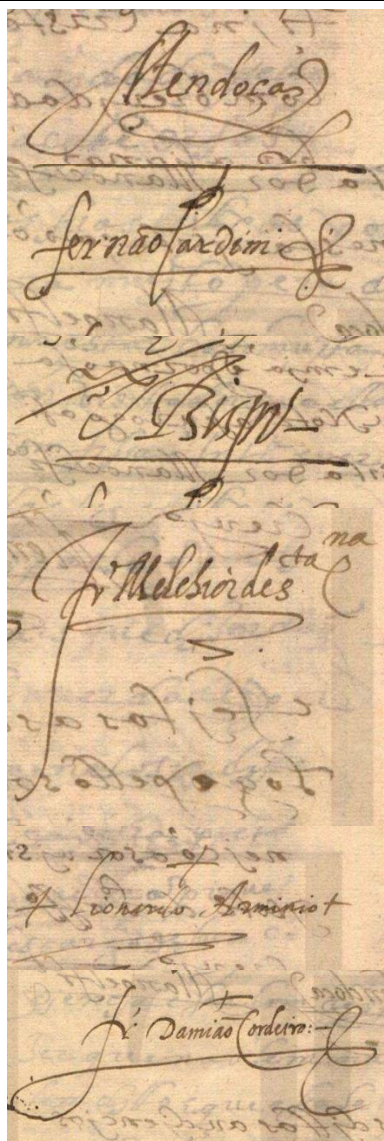
Fólio 13r

	<p>Alguns trabalhos interpretaram esta sequência talvez como um grafismo, e não transcreveram, ou transcreveram mas não desenvolveram. Nos dois casos, descontei ponto. Isso é uma abreviatura! Está descrita em um dos nossos manuais... Vale pesquisar.</p>
---	---

Fólio 13v

	<p>Neste ponto do documento, em que o punho muda (o que deve ser indicado, como lembrado mais acima), houve muita dificuldade de leitura, pois há menos volume de texto para nos acostumarmos com o escriba. Chamo a atenção para esta palavra, que se lê com alguma clareza, poenitências, mas que a maioria transcreveu sem preservar o ditongo inicial, como '<i>penitências</i>'. A nossa cabeça engana nossos olhos.</p>
---	--

Assinaturas no fl. 13v – Um caso à parte...



A maior dificuldade no último fólio foram as assinaturas da mesa. Tomarei este ponto como exemplo de métodos auxiliares de decifração, e a coisa ficará um pouco longa ☺

Há duas razões pelas quais é fundamental transcrever as assinaturas em um documento e **indicar que se tratam de assinaturas** (como dito mais acima). A primeira é uma razão técnica - assinaturas são sempre lugares de difícil decifração, seja porque muda o punho costumeiro do restante dos documentos, seja porque as pessoas não tem a mesma caligrafia na assinatura que no texto normal. Para além disso, as assinaturas são fundamentais para a apreciação diplomática e histórica de um documento (atestam ou não sua validade, e são pontos importantes da pesquisa historiográfica). Quando é difícil decifrar as assinaturas pela presença de punhos distintos do restante do documento - é o caso neste manuscrito - o que temos que fazer é pesquisar na historiografia se há notícias precisas sobre quem poderia assinar este tipo de documento. Na ausência desse material, pode-se ao menos pesquisar nomes comuns em determinada época. No caso deste documento, há já muito material produzido na área de história e de filologia - afinal, tratam-se de processos muito estudados (talvez não este especificamente, mas o conjunto das visitasões). Assim, uma pesquisa cuidadosa teria ajudado muito na decifração desses nomes.

Por exemplo, é possível encontrar as seguintes referências que ajudaram a confirmar as assinaturas deste documento em minha pesquisa. Em Santos (2015) citam-se entre os participantes dos processos comandados por Heitor Furtado de **Mendonça** na Bahia (além do próprio Manoel Francisco), o jesuíta **Fernão Cardim**, e o **Bispo** da Bahia, então Antônio Barreiros. Em Lima (2011) e Mello (1991) encontramos referência a **Melchior de Santa Catarina**, religioso franciscano que também acompanhava as visitasões. **Leonardo Armínio**, jesuíta, é citado como participante dos processos em Mello (1991). Por fim, sobre **Damião Cordeiro**, encontrei pouco material; mas Rocha (2015) o cita como religioso carmelita, participante dos processos da visitação. Estão, assim, confirmados os sete signatários.

Referências

LIMA, I. A presença dos franciscanos na Parahyba... PARALELLUS, Recife, Ano 2, n. 4, jul./dez. 2011, p. 123-136.
<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/viewFile/192/186>

de MELLO, J. A. G., 'Um Tribunal da Inquisição em Olinda, Pernambuco (1594–1595),' Revista da Universidade de Coimbra, 36 (September 1991): 369–374.

SANTOS, F.L. Um espectro ronda a América: o Protestantismo na primeira visitação do Santo Ofício à Bahia (1591-1592). In: III Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Alcalá de Henares, junho de 2015. ISBN 978-85-61346-96-6.
<http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/anais-eletronicos-2/anais-eletronicos-2015/>